

RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 28 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 29 de Agosto de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO, — Guimarães

EM FERRO FRIO

Democratizar é moralizar. Aquelles que, crentes no progresso humano, pugnam pelos bons costumes, pela disciplina social, pela formação de uma «consciencia colectiva» donde saia a massa de cidadãos capazes, quer agindo individualmente, quer actuando em conjunto, devem concordar em que não é em regimen de excepção e privilegio que tal se pode conseguir. Tempos houve em que esses regimens foram adotados, como houve tempos em que foram até julgados os melhores, dir-nos-hão os que de Lda-lé encaram o assunto. De acôrdo. Contudo, a mais sucinta análise nos demonstra que só medraram nos velhos tempos dos faraós e dos tiranos, em que o despotismo achava esteio sólido nos mitos, que então fulgiam como verdades, e nas religiões, que exerciam então sobre o homem — e ainda hoje exercem sobre alguns — poder insuperável.

Consentia-os a ignorancia que sancionava a escravatura. Dá para cá a sua existencia não deixa de ser combatida, mesmo quando da sua acção alguns beneficios se colhem, que benéfica foi a sua obra quando, nivelando classes, punha ou pretendia pôr cõrro a abusos e prepotencias, assim aproximando os homens, isto é, democratizando e moralizando.

De então para cá, esses regimens, ora se esteiam no velho direito romano, ora no hi-

lariante direito divino, quer com o rotulo de monarquia *mais ou menos absoluta*, quer com o dístico pomposo de *despotismo inteligente*, tem existencia efémera e vacilante e o rasto de odios e vilipendios que deixa na História é tal que não conseguem extinguir-lo os séculos da memória dos povos. E' que a sua missão histórica estava cumprida; é que se vai vendo que um rei ou é um opressor, ou um verbo de encher. Estes ultimos ainda hoje os toleramos; os outros vamos repudiando e até recheçando, quando a violencia é necessária. E em nome de que principios? Dos seus principios da moral, venha ela donde vier, seja religiosa ou laica; dessa moral que de há muito impõe a igualdade entre os homens e condena as castas e a escravidão. E' nela que se escuda e em face de tiranos se levanta a voz dos povos quando proclamam que a soberania não pertence aos reis, mas á nação. E' essa moral que exige a democratização, como indispensavel á estabilidade social, base de todo o progresso, ponto de partida para aquele equilibrio que deve estabelecer-se entre os individuos por uma *fraternal* distribuição de direitos e deveres, e que nunca poderá ser alcançada com um Luís XI, um Luís XVI, um Musolini ou um Primo de Rivera.

DÓRIO.

Pela Italia

Mussolini deu em agnas de bacalhau. Deu ou está a dar. O caso Matteoti, um crime monstruoso que uns atribuem a fanatismo político, outros ao propósito selvagem de tapar uma boca que dizia verdades amargas, veio pôr a calva á mostra ao salvador da Italia. Agora já há quem diga que o ditador está dominado por... homens corruptos, e que a anarquia que o fascismo quiz combater, foi substituída por anarquia maior. Era de prever. As autocracias dão sempre em droga e nunca aproveitam aos povos sobre que recaiem. A não ser que os autocratas sejam da força do nosso Cunha, ministro por conquista e candidato ao sidonião.

Os moralões

O sr. Rego Chaves, novo alto commissario em Angola, fez estalar a castanha na boca aos moralões que, sem respeito algum pelo decôrdo próprio, passam o tempo a abocanhar a honestidade dos outros. Acusado de ter interesses ligados a uma empresa colonial, a sua eleição foi dada como ilgal e em volta do caso fez-se logo a campanha do costume; era mais um escândalo da Republica, gritavam os venerandos *adivinhadores*. E o sr. Rego Chaves é o ministro das Colonias andaram nas gazetas realistas como osso caído entre dentes de cão esfaimado. No fim de contas, não era nada mais do que o porco jogo dos moralões monarchicos. O sr. Rego Chaves estava nas condições de ser eleito.

Uma pandega, isto.

ECOS

O General

Primo de Rivera não podendo dar ao problema marroquino a resolução esperada, vai tentar um «golpe de preto». Em nota officiosa, diz o illustre senhor de Espanha que sente por Portugal uma estima tão funda, um amor tão ardente que para o mitigar não há como fazer «mão baixa» a umas 3 ou quatro milhas do nosso mar. E para isso mandou delegados a Lisboa, a vêr se á boa paz leva a cabo a proeza. Vamos a vêr o que daqui sai. Por agora já podemos concluir que o ditador quer aumentar os «seus» domínios e por ali sempre será mais facil do que por... Marrocos.

Quem diria? ...

A gente sempre vê coisas... Quem havia de dizer que viriam certos os vaticínios aqui feitos a propósito da ditadura espanhola. O super-homem tem-se visto em calças pardas para não fazer nada. Vai com o rei, vem com o rei, de vez em quando «vota» enciclica em nota officiosa... quartel general em Abrantes. Agora anda a resolver a questão de Marrocos. Foi lá, achou bem e voltou rápido, talvez para saborear em Madrid as noticias do novo desastro.

Um alho, o general!

O fio

O sr. Cunha Leal não deixa de dar da si. Agora, com aquela loquacidade que o caracteriza, tira-se á Caixa Geral dos Depósitos e ameaça pô-la em caos. No seu entender a Caixa peou e muitos funcionários da mesma meteram no bolso grossas somas, ilegalmente adquiridas. Ora, o passado da C. G. dos D. é de molde a fazer-nos duvidar das afirmações do illustre deputado, pelo que resolvemos esperar que o tempo aclare a questão, o que nos não parece difficil. Um simples inquerito aos palacios das avenidas de Lisboa bastaria para nos pôr na pista da verdade. Quantos são os funcionários da C. G. dos D. com palacio nas avenidas?

Deve estar aqui o fio da meada.

Os patuscos

A lei do inquilinato teve já suas consequências patuscas. Um marechal nacionalista-cunhalista (então o homem não há de ter partido?) acusa-a de ser um assalto á bolsa do proprietario e a propósito declara que o seu partido respeita a propriedade; um outro marechal, mas este monarchico, diz que a lei não resolve a questão e que o inquilino foi... tramado. E cá fica a gente sem saber a quantas andas, nem em quem se fiar. O que faria, se resolvessemos a questão com a violencia com que outros povos a resolveram. Era, com certeza, mais um escândalo capaz de fazer guinear todos os cancelos e todas as cancelas do «reino».

Lêde e propagai

“A RAZÃO,”

Semanário republicano.

O Crime e a Protecção

«Ensina a Verdade.
Ama a verdade.
Defende a Verdade até á morte».
João Huss.

Belo principio este e que todos deveriamos aproveitar. Puro na essencia, de uma beleza incomparavel, a lógica que dele silogisamos é a mais vitalisadora das morais.

Forte como o espirito que o ditou, e ensinando-nos a vencer na vida daquela mesma maneira como Huss soube vencer na morte, bem andariamos nós se cumprissemos e medissemos a significação deste punhado de palavras, e deduzindo então os mais consentâneos raciocínios, os integrassemos na nossa própria maneira de agir.

Mas não. Hoje em dia quem impéra não é a Lei da consciencia.

Abandalhada pelo egoismo e pela inconsciencia, limitada, cingida e desvirtuada pelas modalidades que nos apresentam o sentimentalismo demasiado — que importa o decrescimento proporcional do caracter, se a consciencia deve ser banida e a Verdade deturpada?

«E aí de nós ainda, como escreveu Tomás da Fonseca, se confessarmos a verdade, mesmo uma pequena parte só que seja. Tudo nela nos condena e isso será o nosso *dies irae*, o fim do nosso fim».

Vem isto a propósito da grande quantidade de crimes praticados ultimamente e do epilogo que teem tido.

Não é propósito nosso o tentar sequer apreciar ou discutir o espirito da Justiça. Esta lá continua entregue á sua simbolica figura de mulher, olhos vendados, espada e balança em cada mão, aguardando a voz da consciencia, altiva em toda a sua magestade e serena em o aplicar da lei.

As suas decisões acatam se e não as devemos discutir.

Quem pretendemos culpar, quem queremos tornar responsaveis de tantos crimes que entre nós se praticam, são todos aqueles factores que distintos sociologos e criminalistas teem salientado e mais ainda, a coacção e a ameaça que assiste á voz da consciencia, a protecção escandalosa ao mau instinto e a consideração que merece actualmente um criminoso que matou por prazer.

Todos estes, e especialmente os ultimos apontados, são a principal causa dos inúmeros delitos cometidos á mão armada.

Provas? Ei-las e as mais recentes.

Em audiencia, realizada nesta cidade, em 19 do corrente, julgaram-se dois crimes de morte, sendo um deles cometido em defesa própria e o outro por prazer ou instinto.

Falemos do que mais nos interessa, ou seja, do segundo:

Matar por prazer ou instinto. Qual o coração que possa condôr-se de tamanha monstruosidade, qual é o espirito que serena e friamente conceba tolerancia para um delinquente de tal jaez? Matar por prazer!...

Haverá perdão possivel para quem assim tam mal compreende o respeito para com a vida do seu semelhante?

Não. E o próprio advogado que que á seu cargo tomou a acção o entendeu desta maneira e tanto que adiantou á mãe do assassinado o dinheiro indispensavel para as despesas do processo.

Minutos antes de abrir a audiencia. Não chegando os snrs. jurados, as testemunhas e advogados de Acusação e Defesa. Discute-se acaloradamente e também se cochicha. Há gestos de espanto.

—Que há, que há, interrogaram?!

—O homem vem para a rua. Andam empenhados os maiores trufos da politica. E tu, Fulano, que és advogado de acusação, diz adeus ao dinheiro que adiantaste.

E' vêr a certeza com que se dizem estas coisas. Antes de se dar inicio ao julgamento já se sabia qual a sentença.

Jurados e testemunhas coagidos. Sobresaiu a acusação que, brilhante e justamente, conseguiu que a Justiça applicasse 12 meses de prisão correccional, levado em conta o tempo de prisão já sofrida.

Pouco? Muito?
Por aqui vemos para que serve a Verdade, quando ela é a voz da consciencia.

L. C.

Instrução Primária

O Diário do Governo n.º 175, Série 1, de 5 de Agosto corrente, publicou a Portaria n.º 4154, segundo a qual os professores diplomados podem enviar á Secretaria Geral do Ministério da Instrução uma nota ou declaração — feita em papel comum — donde conste o nome, residencia, idade, há quantos anos concluiu o curso, onde o concluiu, classificação do diploma, se tem concorrido ao lugar de professor oficial, quantas vezes; se tem exercido o ensino particular, onde, há quanto tempo, etc; se se empregou depois que concluiu o curso, em que, se prefera a colocação no magistério official ou outro qualquer e porque.

Devem, pois, todos os interessados enviar as suas declarações, por isso que, segundo parece, vai organizar-se um cadastro de todos os professores diplomados, sendo provavel, conforme o desejo da classe, que as nomeações se venham a fazer por antiguidade de diploma.

—Está, finalmente, em pagamento o vencimento dos Snrs. Professores relativo ao mês de Julho findo. Bem é que os atrasos se vão encurtando.

Tenente A. Rodrigues

De licença, partiu para Freixo de Espada-a-Cinta, o nosso querido correligionario e amigo, sr. Tenente Artur Rodrigues, em serviço no regimento aquartelado nesta cidade.

A VICTORIA DE UM POVO

Em todos os séculos e bastas vezes tem Portugal irrompido por entre as demais pátrias, collocando-se na vanguarda das mais valentes e ousadas, quer vencendo o inimigo, na antiguidade, a golpes de montante, quer castigando-o duramente nos tempos de hoje a cargas terribes de balaçõta.

Em todos os tempos á frente dos povos ousados, lá está o velho guardião da Europa sempre pronto para a luta e para o sacrificio, sempre disposto para a aventura e para a afronta do maior perigo, ora singrando mares tenebrosos e pragnejanles em fragéis caravelas, pequeninos barcos guiados por hercúleos pulsos, ora sumindo-se em débéis arções, com a velocidade do raio, pela innocência azul, em busca do maravilhoso tempo que para as bandás do Oriente e do Ocidente a raça portugueza descortinou.

Povo guerreiro e inquieto, o povo portuguez, esta pequena multidão que tão grande parece pela vastidão dos seus dominios e pela sua fantastica apuçãõ em todos os cantos do Universo, disputa por vezes entre si a supremacia do mundo, dando a estranhos uma clara impressãõ de fraqueza. E Portugal então, a terra de heróis e de poetas, a pátria dos conquistadores de terras e descobridores de rotas maritimas e aéreas, é julgado já nos momentos proximos de ingloria morte! E todavia, dorme apenas, o colosso que derrubou os povos orientais!

Mas a Pátria Portugueza, se um motivo há que a obriga a provar que existe e que vive ainda forte e audaz, desperta da letargia que a immobilisa, e ei-la

que surge, orgulhosa do seu valor, a fazer ouvir a sua voz. Para nós, portuguezes, que tristes nos sentimos ao vermos a aparente desunião dos nobres lusos, para nós, que ás vezes julgamos quasi no seu fim a terra estremecida, consola-nos a verificacãõ de que se não extinguiu o sentimento patriótico da gente portugueza.

Incompreensivelmente e abusivamente, com dificuldade advinhando se os seus fins, uma comissãõ espanhola veio ao nosso país, ou para tratar da reciprocidade de pesca, absurdo desejo para estranhar, ou para tentar esbulhar nos do que tão caro nos é e que sómente a ferro e fogo deixaremos que das mãos nos fuja. Reclamam-se de Portugal que presindisse, em nome não sabemos de que direito, daquilo que lhe pertence e que eternamente será seu.

Tanto bastou para que uma nação inteira se levantasse e clamorosamente protestasse com energia, de norte a sul, contra uma atrevida tentativa de esbulhamento. Por momentos desapareceram todos os matizes politicos e só uma faccãõ appareceu, só uma voz se ouviu, ecoando por todo o mundo. O povo portuguez, bondoso, mas activo e consciente dos seus direitos, impás, pela altitude que tomou, a sua justissima vontade, não permitindo que lhe usurpassem um dos seus mais valiosos meios de vida.

Mas muito mais do que sómente o interesse, elle defendeu lá poucos dias tambem a honra de uma Pátria, que é livre e livre será sempre.

Xerxes.

Misterios da Política

Há dias, num dos cafés desta cidade, foi entregue uma carta de um politico.

Quem a recebeu, era da politica republicana, sim, mas que não pesca nas mesmas aguas.

Admirou-nos e eis porque fazemos o espanto.

«Que diria a carta?»
Isso pertence ao concilio dos Deuses.

Pelo pelouro das aguas

Nunca regateamos aplausos a quem os merece. O seu a seu dono.

E a prova encontrá-la háis. leitor, no elogio que hoje fazemos ao Ex.^{mo} Vereador do Pelouro das Aguas.

Sua Ex.^a que não se tem occupado a trabalhos, de harmonia com o engenheiro da Camara, sr. Capitão Pina, realizou uma obra que nenhum dos seus antecessores conseguiu.

Trata-se da planta da canalisação. Dizem-nos que existiam duas e que para criar difficuldades ás Camaras republicanas, fizeram-nos desaparecer.

Isto no tempo da outra senhora.

Pois bem. Carlos Coelho, ex-empregado das aguas, foi o unico que assistiu á montagem da canalisação da cidade e portanto melhor do que ninguem a podia conhecer.

Foi demittido. Carlos poderia ter morrido e ninguem mais se importaria com o assunto. Para demover algumas difficuldades que apparecessem, necessitaria tornar a andar ás apalpadelas e mal da população de Guimarães que teria de morrer de sede.

Felizmente que alguém não descurou o assunto.

Carlos foi chamado e a planta fez-se. Esse alguém que o conseguiu foi o sr. A. Ferreira da Cunha.

E' avaliar agora a competencia dos engenheiros que lá estiveram; furiosos unicamente.

Garraçada

Realizou-se no passado dia 24 a annunciada garraçada, no Campo José Minotes. Interessante pelas scenas presenciadas, pelos inumeros trambalhões que os aficionados deram, mal andariamos se lhes regateassemos aplausos pela sua coragem.

Do trabalho dos artistas salientaremos Rodrigo Teixeira, a cavallo, que conseguiu bilhar no 1.^o garraio; Rafael revelou-se-nos mais um pegador de bois do que um bandarilheiro; João Neto estreou-se bem com os 2 trambalhões que deu e a arte parece-lhe não ser desconhecida pois o unico erro cometido foi ter á orelha do boi; o grupo de forcados fez boas pegas e... coisa nunca vista, aquella feita pelas pernas do garraio.

Francisco Froes, profissional, animou o publico e fez brilhar a rapaziada.

Delicadeza a toda a prova

Há dias fomos á estação do caminho de ferro despedirmo-nos dum parente e como vissemos que era franca a entrada na gare da mesma estação, entramos sem nos munirmos do respectivo bilhete. A' saída, um empregado da Companhia exige-nos a apresentacãõ do bilhete de gare e como levássemos este empregado á presença do Chefe da Estacãõ para lhe dizermos que não tinhamos duvidas

em pagar a entrada, mas a verdade era que outras pessoas o tinham feito sem que depois lhes fosse exigido o bilhete. Sabem a resposta grosseira que recebemos?

«Que não tinhamos nada com as outras pessoas e que já tinhamos por hábito entrar na gare sem nos prevenirmos com o bilhete».

Confessamos que na occasião não medimos bem a sua frase, porque do contrario ter-lhe iamõs perguntado:

1.^o Se as entradas grátis na estacãõ eram do seu arbitrio. Se s. ex.^a é senhor daquilo ou um empregado da Companhia, a cuja direcção deve obediência;

2.^o Com que direito nos dizia que já tinhamos por hábito entrar na gare sem o bilhete, e em que occasião o tinhamos nós feito?

Futurismo

Longe de mim a pretencãõ de escrever naquelle portuguez correcto e puro com que nos deliciaam Camões e Bernardes, Vieira e Herculano. Se a linguagem só é sã quando é correctã, pura e clara, pobre de mim, que me não fadou o destino para exemplo dela. Mas, do mal o menos; há quem escreva pior, ao que se vê. De vez em quando, apparecem no mercado uns nefelibatas em exhibicõs de prosa tão arrebitada, que é de a gente ficar de boca aberta, na incerteza cruel de classificar o abôrto literario. Petulantões ou estupidões, esses escrevedores de má morte dão-se ares de autoridades no assunto e é ver como metem num chinelo os que até agora eram tidos por mestres na arte de escrever o luso idioma.

Paposcos na materia, pimpões na asneira, descarados até ali, estes meninos fazem rir com as suas pilhas de *estrangetismos* e de *neologismos*, com o seu portuguez de contrahando, onde faltam a correcção e a pureza e se não vê resquicio de clareza. E' a fraudulagem futurista, que devemos combater por todos os meios sem desprezar o ridiculo, que ainda é o melhor antidoto para tal veneno. Corramos com esses vicjadores que escondem a mesquinhez das ideias com as falsas galas duma linguagem que se não entende.

Vem isto a proposito da impressãõ que me deixou a leitura de alguns textos futuristas. Um horror. Ora leiam:

«Li no espaço este diario—impressãõ dum Eu ao abandono.

Fixei-o na retina e, com o auxilio da mente, transporte-o até vós. Tem erros de copi-õ-fixãõ? Não desminto as vossas ideias, se estas forem, pois o espaço é impreciso e a lente hipotetica do ar enblinado, *devergiu* talvez, uns raios letrais para o infinito, como que fugindo á camara escura da minha iris.

A revelacãõ foi bem feita, o meu cérebro é um bom laboratorio fotografico.

Que houvesse influencia do oxigénio ou do azoto nas frases deste estranho «psiché» não acredito, porque crer nestes corpos é crer ne inexistente».

E' um mimo, uma delicia esta prosa. Vale bem que aqui a arquivemos para aviso aos incautos e para ridiculo daqueles que, não sabendo man-jar a lingua, não podendo extrair dela a beleza dos mestres, nem ao menos poupam as mais usuais regras da gramatica.

DORIO.

Rapaz

Aprendiz de tipógrafo, que saiba ler e escrever, precisa-se. Falar na R. de Gil Vicente, 36.

Escola Industrial de "Francisco de Holanda,"

Resultado da frequencia no ano lectivo de 1923 1924

Aritmética e Geometria — 1.^o ano — Abilio Albertino Guimarães Mourão, 11 val.; Alex. indiano Gonçalves da Costa, 13 val.; Antonio da Costa Antunes, 15 val., (distinto); João da Costa Cardoso, 10 val.; João Salgado da Cunha, 14 val.; José Pereira Gonçalves, 16 val., (distinto); José Pereira Leite, 12 val.; Manuel Ribeiro, 10 val.; Julio Alberto Continho, 12 val.; Mário Rodrigues de Paiva, 12 val.; Rosa Candida Ferreira Gonçalves, 12 val.; Zefelino Manuel Martins de Oliveira, 15 val.; (distinto); Joaquim Leite Monteiro, 13 val.; Manuel Pinheiro, 13 valores.

Perderam o ano por insufficiencia de média ou por faltas 30 alunos.

Aritmética e Geometria — 2.^o ano — Antonio Soares Barbosa de Oliveira, 16 val., (distinto); Virginia Adelaide Baptista de Meira, 16 val., (distinto).

Perderam o ano por insufficiencia de média ou por faltas 5 alunos.

Lingua pátria — 1.^o ano — Abilio Albertino Guimarães Mourão, 13 val.; Alexandrino Gonçalves da Costa, 16 val., (distinto); Benjamin Pereira dos Santos, 15 val., (distinto); José Pereira Gonçalves, 16 val., (distinto); Julio Alberto Continho, 10 val.; Manuel Pinheiro, 15 val., (distinto); Mário Rodrigues de Paiva, 13 val.; Zefelino Manuel Martins de Oliveira, 15 val., (distinto); Joaquim Leite Monteiro, 13 valores.

Perderam o ano por insufficiencia de média ou por faltas 28 alunos.

Lingua pátria — 2.^o ano — Firmino Gonçalves Conde, 16 val., (distinto).

Perderam o ano por insufficiencia de média ou por faltas 5 alunos.

Geografia e Historia — 1.^o ano — Alfredo Dias da Fonseca, 10 val.; Antonio da Costa Antunes, 12 valores.

Perderam o ano por insufficiencia de média ou por faltas 3 alunos.

Geografia e Historia — 2.^o ano — Firmino Gonçalves Conde, 18 val., (distinto).

Perdeu o ano por faltas um aluno.

Princípios de Fisica e Quimica — 1.^o ano — José João de Assunção Neves, 15 val., (distinto); Mário Ferreira, 14 valores.

Perderam o ano por insufficiencia de média 1 aluno, por faltas 1 aluno.

Princípios de Fisica e Quimica — 2.^o ano — Antonio Sampaio de Oliveira, 16 val., distinto.

Perdeu o ano por insufficiencia de média 1 aluno.

Lingua franceza — 1.^o ano — José João de Assunção Neves, 15 val., distinto.

Perderam o ano por insufficiencia de média ou por faltas 8 alunos.

Lingua franceza — 2.^o ano — Manoel Fernandes de Oliveira e Castro, 18 val., distinto.

Perderam o ano por insufficiencia de média ou por faltas 5 alunos.

Continua.

Edital

José dos Santos Salvador Viegas, Engenheiro-Chefe da 1.^a Circunscricão Industrial:

Faço saber que a Empresa Textil da Cua, Limit.^a, com sede no Lugar de Fundevila, freguesia de Moreira de Conegos, concelho de Guimarães, distrito de Braga, requereu, ao Ministerio do Trabalho, licença para estabelecer uma Fábrica de Fiacão, Tecelagem e Tinturaria, no Lugar de Fundevila, freguesia de Moreira de Conegos, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao sul com terrenos da requerente, nascente com terrenos da requerente e potente com terrenos da requerente, mas como estes estabelecimentos se encontram compreendidos na 2.^a classe da tabela n.^o 1 anexa ao Regulamento dos Estabelecimentos Insalubres, Incómodos, Perigosos ou Toxicos, aprovado pelo Decreto 8:364 de 25 de Agosto de 1922, com a designacãõ de Barulho, Frepidação e Perigo de Incendio, são convidados todos aqueles que pretendam opôr-se á concessãõ de licen-

ça requerida, a reclamar por escrito, nos termos do artigo 7.^o § 4.^o do mesmo Decreto, no prazo de 30 dias a contar desta data. E para constar, mandei passar este e outro de igual teor para ser afixado na Administracãõ do Concelho de Guimarães.

Porto e Secretaria da 1.^a Circunscricão Industrial, rua Sá da Bandeira, 405-2.^o

E eu, *Edgardo Torres*, Conductor de 3.^a classe, o escrevi.

O Engenheiro-Chefe,

J. S. Viegas.

Porto, 9 de Agosto de 1924.

EULALIA COUTO

Parteira diplomada pela Faculdade de Medicina do Porto

Consultas (diagnosticos de gravidés)

Rua 31 de Janeiro, 111

Guimarães

VENDE-SE

Uma mobilia de quarto, mogno, estado de nova.

"A Bazão,"

Semanário Republicano

Ex.^{mo} Sr.